

**A RELAÇÃO ORIENTADOR-ORIENTANDO E OS SUJEITOS DIALÓGICOS  
DA PESQUISA EM UM MESTRADO PROFISSIONAL DE UMA  
UNIVERSIDADE PÚBLICA BRASILEIRA**



**THE GUIDING-GUIDING RELATIONSHIP AND THE DIALOGICAL  
SUBJECTS OF RESEARCH IN A PROFESSIONAL MASTERS OF A  
BRAZILIAN PUBLIC UNIVERSITY**

WALLACE DANTAS

ELIETE CORREIA DOS SANTOS

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES  
RECEBIDO EM 30/07/2021 • APROVADO EM 03/09/2021

---

**Abstract**

This article is part of a larger research that is being developed in the Postgraduate Program in Language and Teaching/PPGLE at the Federal University of Campina Grande/UFCG and aims to investigate, in the light of the Dialogic Approach to Discourse, the process of guidance/discursive interaction between Advisor and advisor in the context of a professional master's degree (PROFLeTRAS), from a Brazilian public university. We present the partial results of our research, which are linked to the first category of analysis proposed, with a view to describing and analyzing the academic and social profile of the dialogical subjects involved in the guidance process. The initial results show that, regarding studies on the postgraduate guidance process, in the context of PROFLeTRAS, there is an urgent need to think about aspects of this relationship in order to (re)signify it, in addition to understanding the specifics of this process in the context of the professional master's, which, in a way, differs from the mentoring relationship in the context of an academic master's and which aims at the theoretical-methodological preparation of teachers working in basic education in Brazil.

---

**Resumo**

---

Este artigo faz parte de uma pesquisa maior que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino/PPGLE da Universidade Federal de Campina Grande/UFCG e tem como objetivo geral investigar, à luz da Abordagem Dialógica do Discurso, o processo de orientação/interação discursiva entre Orientador e orientando no contexto de um mestrado profissional (PROFLeTRAS), de uma universidade pública brasileira. Apresentamos os resultados parciais de nossa pesquisa, que se ligam à primeira categoria de análise proposta, com vistas a descrever e analisar o perfil acadêmico e social dos sujeitos dialógicos envolvidos no processo de orientação. Os resultados iniciais mostram que, quanto aos estudos sobre o processo de orientação na pós-graduação, no contexto do PROFLeTRAS, há uma urgente necessidade de se pensar aspectos nessa relação de forma a (re)significá-la, além de entender as especificidades desse processo no contexto do mestrado profissional, que, de certo modo, se difere da relação de orientação no contexto de um mestrado acadêmico e que tem como objetivo a preparação teórico-metodológica de professores atuantes na educação básica brasileira.

---

**Entradas para indexação**

---

**KEYWORDS:** Dialogical Approach to Discourse. Orientator-orienting relationship. Professional Master's. PROFLeTRAS.

**PALAVRAS-CHAVE:** Abordagem Dialógica do Discurso. Relação Orientador-orientando. Mestrado Profissional. PROFLeTRAS.

---

**Texto integral**

---

Como pensar cientificamente? Recomenda-se que o professor mostre isso em seu trabalho e não apenas fale sobre. É necessário, em sala de aula, refletir na presença dos estudantes (duvidar, ponderar os argumentos etc.). A aula deve apresentar o processo vivo da reflexão. - M. M. Bakhtin (VASSÍLIEV, 2018, p. 208)

## 1 PALAVRAS INICIAIS

Mikhail Bakhtin foi professor universitário – e pouco sabemos sobre seu agir docente enquanto professor de Literaturas Russa e Estrangeira na Universidade de Mordóvia nas primeiras décadas do século XX. No entanto, o que nos tem chegado por meio de traduções feitas diretamente de textos russos<sup>1</sup> nos faz conhecer um professor universitário preocupado com seus alunos, com questões bibliográficas e metodológicas, bem como com o pensamento crítico e reflexivo dos estudantes no contexto universitário.

---

<sup>1</sup> Referimo-nos ao texto “Bakhtin como professor universitário” do professor Nikolái Leonídovitch Vassíliev, traduzido pelas professoras Sheila Vieira de Camargo Grillo (USP) e Ekaterina Vólkova Américo (UFF) diretamente do russo e publicado no Brasil em 2018.

Apesar de estarmos falando de um pesquisador, preocupado com o ensino superior nas primeiras décadas do século XX (lembramos que as falas de Bakhtin são para alunos no contexto da graduação), no Brasil, no início do século XXI, os professores Lucídio Bianchetti e Ana Maria Netto Machado organizaram e publicaram a obra “A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações”, contendo artigos de renomados pesquisadores brasileiros refletindo sobre o que é ser professor universitário, em especial orientador, e a relação deste com seu orientando, ou seja, seu aluno no contexto da pós-graduação. A partir de então vários estudos (ALVES, 2008; BIANCHETTI, 2006; 2007; 2008; CURY, 2004; DUARTE, 2006; GARCIA; ALVES, 2002; HOSTINS, 2006; SAVIANI, 2000, 2002; WARDE, 2002), seja no contexto dos cursos na área de educação, como também em outras áreas, passaram a refletir sobremaneira sobre aspectos relacionados aos estudos pós-graduados.

É importante apontarmos que tais estudos emanaram no início do século XXI pensando nessa nova configuração de universidade que se vislumbrava a partir de então, principalmente, começando com cobranças e com as diretrizes impostas pela CAPES, em especial a partir da década de 1990 do século XX (ALVES, ESPINDOLA, BIANCHETTI, 2012) no Brasil. Nesse contexto, com tantas imposições da CAPES, foram relegados ao segundo plano determinados valores relacionados à produção de trabalhos mais aprofundados e qualificados. Nessa esteira, pensando na relação orientando-orientador já tida como algo a se pesquisar nesse início do século XXI, também valores foram sendo perdidos, como o companheirismo, parceria, cumplicidade, traços esses que, anteriormente, eram mais nítidos, devido ao tempo maior que se tinha pensando nesse processo de orientação – retomando o exemplo do professor Bakhtin, tais valores são fundamentais em qualquer interação discursiva.

Perante esse cenário de mudanças substanciais nessa relação, a autonomia tanto de trabalho quanto de pensamento dos orientandos terminou também sendo afetada. O orientador passou a se envolver mais no processo de elaboração, criação, além do de orientação, seja da dissertação de mestrado ou da tese de doutorado. Isso aconteceu, principalmente, pela dinâmica incisiva de prazos impostos para diretrizes, em geral do programa de pós-graduação (PPG), que deve ser obedecida para não prejudicar toda a conjuntura da pós-graduação. Com isso, e diante de toda essa realidade, conforme afirmam Alves, Espindola e Bianchetti (2012), a temática da relação orientador-orientando se tornou e tem se tornado relevante, tanto por ser um processo de partilhas educativas, como também por ser construída de conflitos e questionamentos.

Diante desse cenário, surge a temática deste artigo, proveniente de uma pesquisa de mestrado, que busca investigar essa relação no contexto de um Mestrado Profissional (doravante MP) de formação docente, de uma universidade pública brasileira, à luz de uma Abordagem Dialógica do Discurso (ADD), porque compreendemos os sujeitos como sociais, responsáveis e interacionais, em especial, no contexto acadêmico (universidade), quanto educacional (educação básica).

Este artigo, além desta Introdução, apresenta a seguir, os fundamentos teóricos, advindos do Círculo de Bakhtin, que servem para a análise dos dados. Noutro momento, contextualizamos nossa pesquisa, tendo em vista que, tanto para o professor Bakhtin como também para o Círculo, o sujeito é social, plural e dinâmico

e, sendo possível, deve ser entendido a partir do contexto no qual esteja inserido. Depois, mostramos os sujeitos – Orientador e orientando – que integram nossa pesquisa à luz das ideias do Círculo e seus colaboradores. Por fim, apontamos algumas considerações (in)conclusivas, mas que sintetizam a reflexão que propomos por meio deste texto.

## 2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA PESQUISA: (ALGUMAS) IDEIAS DO CÍRCULO DE BAKHTIN

Tratar dos aspectos teóricos que fundamentam nossa pesquisa de mestrado que está em andamento, de forma exaustiva e detalhada, foge do escopo deste artigo, porém compreendemos que sem uma exposição teórica dos conceitos norteadores que acompanham a análise que propomos é, também, insuficiente para a compreensão total por parte dos leitores deste texto. Assim sendo, de uma forma concisa, elencamos os principais conceitos bakhtinianos que norteiam nossa análise.

Em **Para uma filosofia do ato** (doravante PFA), Bakhtin objetiva apresentar um estudo no qual constrói uma “arquitetônica da existência”, centrada na vida do jeito que ela é, na existência, no “acontecimento”, no “evento”, no mundo vivido pelo sujeito, no “ato ético e estético”, desconsiderando toda e qualquer sistematização abstrata que, conforme o próprio Bakhtin, fundamenta a maioria das filosofias da época, em outras palavras, o teórico russo propõe uma *filosofia<sup>2</sup> moral do ato*, para quem a vida só tem sentido à luz da responsabilidade. Em síntese, o sentido da vida e de tudo o que a constitui está no ato responsável.

Em linhas gerais, conforme já afirmou Sobral (2009), Bakhtin, ao discorrer sobre o ato ético, apresenta uma proposta de estudo do agir humano no mundo concreto no qual o sujeito se encontra, mundo esse que é social e histórico, estando, então, sujeito a mudanças, não apenas do ponto de vista de aspectos materiais, mas, e, sobretudo, do ponto de vista da forma como os seres humanos concebem esse mundo simbolicamente, ou seja, através de alguma linguagem, além de agirem nesses termos em determinadas circunstâncias.

À luz das ideias contidas em PFA, compreendemos que o ato ou ação é constituinte da vida em processo contínuo,

[...] porque minha vida inteira como um todo pode ser considerada um completo ato ou ação singular que eu realizo: eu realizo, isto é, executo atos, com toda a minha vida, e cada ato particular e experiência vivida é um momento constituinte da minha vida – da contínua realização de atos [...] (BAKHTIN, 1993, p. 21)

---

<sup>2</sup> Para não fugirmos do foco desta parte do artigo, que é apenas o de apresentar em linhas gerais as principais ideias bakhtinianas que servirão de fundamentos para nossa análise, sugerimos a leitura de Faraco (2017), em que este autor apresenta, de forma concisa, porém com profundidade, as relações dialógicas, com várias vertentes teóricas, que podem ser encontradas em PFA.

Em outras palavras, a partir do que nos diz o próprio autor russo, o ato é o aspecto geral do agir humano, geral no sentido de estar atrelado à “vida inteira”, é uma ação singular realizada pelo eu no mundo que é histórico e social. Os atos, por sua vez, podem ser compreendidos como os aspectos particulares do ato, ou seja, “eu executo atos” e cada ato que forma o ato é um momento que constitui a vida do sujeito, à luz da citação, o “eu”. Conforme o próprio Bakhtin (1993, p. 23), “e tudo é um ato ou ação que eu realizo – até mesmo o pensamento e o sentimento”.

Esse ato responsável não é realizado fora dos contextos sociais de uso e interação, porque “[...] não há limites para o contexto dialógico [...]” (BAKHTIN, 2016, p. 79). Significa dizer que o ato, que é responsável e responsivo, é realizado num contexto dialógico, permeado de diálogo entre os sujeitos envolvidos no processo de interação verbal. A palavra proferida é um ato responsável. E, antecipando um pouco nossa discussão, a orientação acadêmica, por meio das palavras compartilhadas neste momento, é um ato responsável, fundamentado em sentidos construídos pelos sujeitos ativos – no caso, Orientador e orientando. A orientação acadêmica é, além de um ato responsável, um ato totalmente dialógico.

Esse dialogismo que fundamenta a orientação acadêmica deve ser compreendido como a alternância entre enunciados, entre sujeitos falantes e ativos, entre diversos posicionamentos e abrangentes contextos – que nos leva à “interação discursiva”. Nessa interação, podemos reconhecer a reciprocidade entre o eu e o outro, fazendo-nos compreender o verdadeiro diálogo “real”, concreto, oriundo da responsabilidade e da responsividade dos sujeitos envolvidos (Orientador e orientando).

A “interação discursiva” origina-se a partir de uma “palavra bilateral”, ou seja, essa palavra “é determinada tanto por aquele *de quem* ela procede quando por aquele *para quem ela se dirige* [...]” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 205 – grifos do autor) sendo nesta pesquisa compreendida como uma palavra ideológica. Nessa interação, toda e qualquer palavra serve de expressão de um sujeito em relação a outro sujeito. A palavra é o elo do eu para o outro. A palavra é o território comum existente entre o falante e o interlocutor – falante aqui, conforme o Círculo, é entendido como o dono indiscutível da palavra no momento da enunciação, palavra essa que é produzida sob à luz de uma responsabilidade ética, num contexto social e histórico. Essa palavra é constituída de uma “significação” e um “tema”.

*Significação* (VOLÓCHINOV, 2018 – itálicos do autor) é um estágio menor, inferior, inicial da capacidade de significar. Ela é única. Apresenta, apesar de vários e a depender da palavra, um único sentido e está presente em qualquer enunciado, ou seja, é totalizante. A *significação* é própria dos signos linguísticos, assim como das formas gramaticais da língua. Podemos também compreendê-la como sendo o sentido que tais signos linguísticos assumem a partir dos usos reiterados, repetidos, com esse ou aquele significado. A *significação*, portanto, é “um estágio mais estável dos signos e dos enunciados”, considerando que tais signos são frutos de uma convenção, portanto (muitos) registrados nos dicionários, “podendo ser utilizados em diferentes enunciações com as mesmas indicações de sentido”. (CEREJA, 2013, p. 220).

O *tema* (VOLÓCHINOV, 2018 – itálicos do autor), por sua vez, é inseparável do enunciado, estando fora do próprio enunciado, sendo, então, uma expressão histórica e concreta de uma determinada situação (CEREJA, 2013). O *tema* é

totalmente dependente dos sujeitos que estão envolvidos na situação de comunicação, no uso da palavra e nas vozes que se fazem ouvir no processo de interação discursiva, portanto, é único e irrepetível. Na composição do *tema*, não temos apenas a presença de elementos linguísticos e estáveis, mas temos também a presença de elementos extraverbiais, que compõem a situação de produção, recepção, circulação e uso no processo de comunicação. Em outras palavras, o *tema* se soma à *significação* para compor o resultado final e interacional da construção de sentido.

Essa construção de sentidos acontece no contexto social, formado de relações sociais, sendo o lugar no qual o enunciado se constitui. Para usarmos palavras do próprio integrante do Círculo, no caso, Volóchinov (2018, p. 206 – itálicos do autor), “*a situação social mais próxima e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, de dentro, a estrutura do enunciado*”, ou seja, a situação forma o enunciado, tornando obrigado a soar de um jeito e não de outro jeito. Tal situação mais próxima, com seus participantes/sujeitos sociais próximos, determina, por assim dizer, a forma e o estilo oriundos do enunciado. Diante disso, as ligações sociais mais duradouras e essenciais determinam as camadas mais profundas do enunciado. Para Volóchinov (2018, p. 207), “o grau de consciência, de clareza e de constituição da vivência está proporcionalmente relacionado à orientação social” na/da qual o sujeito faz parte, sendo essa orientação social valorativa, porque não há vivência sem diferentes graus de consciência, precisão e diferenciação.

Destarte, a partir do exposto, evocamos, de forma concisa, no próximo ponto, a contextualização de nossa pesquisa.

### 3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA EM ANDAMENTO<sup>3</sup>

No ambiente universitário do/no Brasil, temos os programas de pós-graduação *stricto sensu*<sup>4</sup>, em modalidade acadêmica e profissional. Os programas de pós-graduação em modalidade profissional (em especial, os mestrados profissionais) foram instituídos a partir da Portaria 80/1998 e, dentro de vários objetivos, pretendem inserir um profissional já atuante no mercado de trabalho no universo da pesquisa científica, fazendo com que a pesquisa possa ser atrelada à realidade na qual o pós-graduando esteja profissionalmente. Em se tratando do

---

<sup>3</sup> Nossa pesquisa de mestrado vincula-se a uma pesquisa maior, desenvolvida pelo segundo autor deste artigo, atrelada ao seu projeto de pós-doutorado, vinculada ao Programa Nacional de Pós-doutorado – PNPd/CAPEs-MEC- 2013 pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, Centro Acadêmico do Agreste/CAA.

<sup>4</sup> As pós-graduações *stricto sensu* compreendem programas de mestrado e doutorado abertos a candidatos diplomados em cursos superiores de graduação e que atendam às exigências das instituições de ensino e ao edital de seleção dos alunos (art. 44, III, Lei nº 9.394/1996.). Ao final do curso o aluno obterá diploma. Os cursos de pós-graduação *stricto sensu* são sujeitos às exigências de autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento, previstas na legislação - Resolução CNE/CES nº 1/2001, alterada pela Resolução CNE/CES nº 24/2002. Fonte: <http://portal.mec.gov.br/pos-graduacao/pos-graduacao> > Acesso em junho de 2020.

contexto educacional, os MP visam selecionar professores já atuantes para realizarem pesquisas em nível de pós-graduação a partir de suas práticas docentes e cotidianas.

Pensando na formação educacional desses docentes já atuantes, há vários MP como ProfMat (Mestrado Profissional em Matemática), ProfHistória (Mestrado Profissional em História), ProfArte (Mestrado Profissional em Arte), ProfQui (Mestrado Profissional em Química), MNPEF (Mestrado Profissional em Ensino de Física), ProfBio (Mestrado Profissional em Ensino de Biologia) e o ProfLetras (Mestrado Profissional em Letras). O ProfLetras, por sua vez, assim como todos os demais MP, é oferecido em rede nacional, sendo um curso presencial que conta com a colaboração e participação de Instituições de Ensino Superior (IES), no contexto da Universidade Aberta do Brasil (UAB), num total de 42 universidades públicas de todas as regiões do Brasil, totalizando 49 unidades, considerando que existem quatro universidades que oferecem à sociedade mais de uma unidade. O objetivo do ProfLetras é capacitar professores de língua portuguesa para o exercício de sua prática docente, dentro de sala de aula, no Ensino Fundamental, contribuindo, assim, para a melhoria da qualidade de ensino no país<sup>5</sup>.

É no contexto do ProfLetras, pensando na formação do professor de língua portuguesa, que esta pesquisa se insere, à luz do que dizem Nobrega (2018) e Santos (2019) quando afirmam que há uma carência de pesquisas e estudos quanto à relação de ensino, pesquisa e orientação entre orientando e orientador, considerando que aquele, após sua formação, buscará pôr em prática o conhecimento construído ao longo de sua carreira acadêmica, seja em nível de graduação e/ou pós-graduação.

Diante disso, sob a ótica da Análise Dialógica do Discurso (ADD), em uma das unidades de MP, a que pertence a uma universidade pública brasileira, tendo como fenômeno discursivo o discurso relatado nas respostas concedidas aos formulários enviados aos discentes e docentes, buscamos responder, a partir desta investigação, ao seguinte questionamento:

- Como acontece o processo de orientação verbal, Orientador-orientando, no ProfLetras – UFCG/CFP?

Para que essa questão fosse respondida, traçamos o seguinte objetivo geral: Investigar, à luz da Abordagem Dialógica do Discurso (ADD), o processo de interação verbal entre Orientador e orientando para a construção da dissertação de mestrado (ou produto final outro), no contexto de um mestrado profissional (ProfLetras), de uma universidade pública brasileira (UFCG). Como objetivos específicos: 1) Descrever e analisar o perfil acadêmico e social do orientando e do Orientador; 2) Relatar a orientação acadêmica no contexto do MP/PROFLetras considerando os discursos relatados dos orientadores e dos Orientadores; 3) Analisar o discurso relatado pelos sujeitos da pesquisa a partir das redes de vozes, das relações dialógicas, do posicionamento axiológico e do ato responsável.

Os dados desta pesquisa foram coletados junto ao ProfLetras/CFP-UFCG a partir da aplicação de dois questionários *online*, criados na plataforma 'Google Forms', disponibilizados via *e-mail*, com o auxílio da coordenação e vice-coordenação do MP, no segundo semestre de 2019: um questionário para os

---

<sup>5</sup> Para maiores informações sobre o ProfLetras, sugerimos o acesso através do seguinte sítio: <http://www.profletras.ufrn.br/>.

docentes; outro para os discentes, constituídos de questões objetivas (5 no questionário dos professores e 5 no dos alunos) e subjetivas (8 no questionário dos professores e 10 no dos alunos), que foram em maior quantidade, por entendermos que, a partir de um aspecto dialógico e social, a palavra é carregada de ideologias, além de ser na palavra que encontramos uma arena de vozes nas quais os sujeitos se constroem e se mostram (BAKHTIN, 1993). Diante dessa contextualização, por fim, é importante afirmarmos que este artigo versa sobre a apresentação dos dados ligados ao primeiro objetivo que traçamos.

## 4 EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS PRELIMINARES

### 4.1 CATEGORIAS DE ANÁLISE DOS DADOS GERADOS: EXPOSIÇÃO

A geração dos dados da nossa pesquisa de mestrado (parcialmente apresentada neste artigo) durou quase 4 meses e isso nos permitiu uma pluralidade de resultados encontrados que, acreditamos, ajudar-nos-ão a perceber (possíveis) respostas para a questão-problema anteriormente apresentada.

À luz dessa amostra, que entendemos como representativa e que é condizente com a teoria que adotamos para propor nossa análise, expomos, a seguir, as categorias de análise que acontecerão em três momentos distintos e que dialogarão na triangulação dos dados. Vamos às categorias:

*1ª categoria:* Perfil dos sujeitos envolvidos (Orientador e orientando) observando os seguintes aspectos:

1.1 – Perfil dos Orientadores:

1.1.1 – Formação Acadêmica

1.1.2 Linhas de pesquisa

1.1.3 Temáticas

1.1.4 Quantidade de orientandos

1.2 – Perfil dos orientandos:

1.2.1 – Linhas de pesquisas

1.2.2 Objetivos da pesquisa (geral e específicos)

1.2.3 Perfil profissional

*2ª categoria:* Processo de orientação entre orientando e Orientador observando os seguintes aspectos:

2.1 – Dificuldades

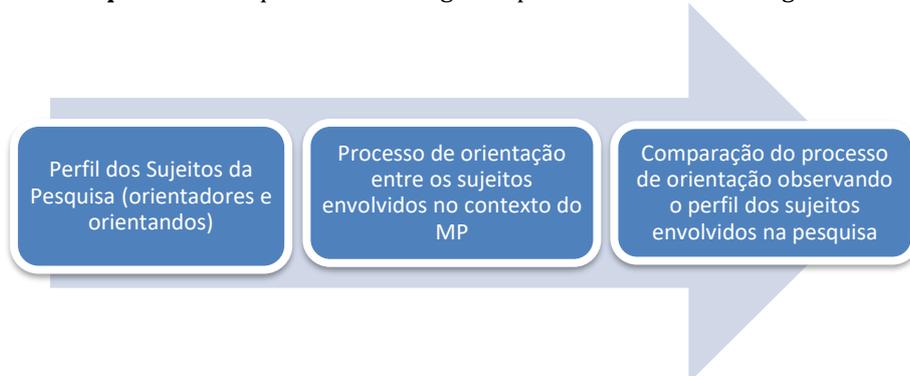
2.2 – Limites

2.3 – Positividade

*3ª categoria:* Comparação do processo descrito no ponto anterior, considerando o perfil dos sujeitos envolvidos na pesquisa, a partir do discurso relatado nessa rede de vozes dialógicas e do posicionamento axiológico apresentado às respostas nos questionários.

Em síntese, temos:

**Esquema 1** - Sequência das categorias para análise dos dados gerados



**Fonte:** Elaborado pelos autores (2021)

Para tanto, será necessária uma triangulação dos dados gerados, tendo em vista que uma investigação no âmbito da Análise Dialógica do Discurso precisa dar conta das múltiplas vozes dos sujeitos envolvidos, num mundo social, atentando para o fato de que tais vozes envolvem questões relativas a poder, subjetividade, história, ideologia, portanto, corroborando com a descrição desse processo de orientação. A seguir, mostramos de forma visual, a triangulação dos nossos dados.

**Esquema 2** - Triangulação dos dados



**Fonte:** Elaborado pelos autores (2021)

Nessa esteia, consideramos o que o próprio Círculo de Bakhtin defende ao expressar a ideia que, no âmbito das Ciências Humanas, as vozes dos sujeitos se manifestam numa arena, além de não existir nem a primeira e nem a última palavra, consideramos o processo de interação verbal como fundamental. Essas vozes que já se fazem ouvidas, através do texto escrito por meio dos questionários, assim como por intermédio das questões mais objetivas, nos fazem entender que esta pesquisa apresenta um espaço para se ouvir vozes ainda não ouvidas pela comunicada acadêmica em contexto brasileiro.

## 4.2 PRIMEIRA CATEGORIA DE ANÁLISE EM QUESTÃO: GERAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

### 4.2.1 Os Orientadores

Iniciamos a apresentação dos dados da primeira categoria expondo o perfil dos docentes que compõem o quadro do MP em questão. Na nossa 'Amostra', contamos com um total de 11 professores participantes<sup>6</sup>. E, na nossa coleta, os 11 Orientadores mostraram ter doutorado, sendo: 4 com doutorado em educação; 3 com doutorado em linguística; 3 com doutorado em letras; 1 com doutorado em estudos da tradução.

Diante dessas informações, considerando que estamos a trabalhar com um programa profissional de pós-graduação, que visa à formação acadêmica consolidada de seus alunos que, por sua vez, são professores atuantes no mercado de trabalho, vemos que a formação acadêmica dos docentes orientadores é condizente com o que preconiza o MP. É salutar refletirmos que, conforme regimento do próprio MP para ser orientador, o professor permanente ou colaborador deve ter a titulação de doutor. Além disso, enfatizamos a formação em educação dos referidos Orientadores, porque compreendemos que auxiliará na formação técnica, por exemplo, de questões teóricas e metodológicas para o ensino de língua portuguesa – só para citar uma possibilidade dentro de muitas que podem surgir.

Chamamos a atenção para o diálogo (no sentido bakhtiniano do termo) existe entre as áreas de formação acadêmica dos Orientadores, tendo em vista que os alunos são educadores em ação no contexto da educação básica. Essa pluralidade de áreas de conhecimento corrobora para (o que chamaremos neste artigo) de dialogismo e interação acadêmica tão necessária na formação docente na atualidade. Para Bakhtin (2016), o “contexto dialógico” não possui limites, estando associado ao que já foi e ao que ainda será e esse contexto dialógico no âmbito da pós-graduação é capaz de proporcionar uma formação ampla, repleta de significados e ressignificados para uma formação plural e humana dos orientandos.

---

<sup>6</sup> Como forma de garantir anonimato e preservarmos a imagem dos sujeitos envolvidos, utilizaremos, inicialmente a identificação O = orientador(a) e o número indo-arábico após, conforme ordem de respostas que nos foram concedidas. Ficando assim: O1 = Orientador 1; O2 = Orientador 2 e assim sucessivamente.

Para além da formação acadêmica desses sujeitos sociais e professores-orientadores, buscamos ver em quais linhas de pesquisa eles estão inseridos, além de sabermos se são professores permanentes ou colaboradores. Esclarecemos, porém, que alguns docentes não responderam à qual linha de pesquisa estão vinculados. No total, tivemos 2 professores colaboradores e 9 professores permanentes. Para chegarmos a esses resultados, criamos uma questão no questionário para os docentes que diz: “Formação acadêmica e linha de pesquisa na qual atual”. 3 professores não nos concederam a resposta em que linha de pesquisa atuam e em quais áreas detêm suas pesquisas. Os outros 8 professores mencionaram ou a linha de pesquisa em que atuam no MP ou as temáticas nas quais possuem pesquisas e orientação.

Neste momento, é importante esclarecermos que o PROFLetras possui apenas duas grandes linhas de pesquisa, a saber: 1) Teorias da linguagem e ensino; 2) Leitura e Produção textual: diversidade social e formação docente. Com isso, percebemos que alguns mencionaram exatamente a linha de pesquisa às quais estão vinculados; enquanto que outros mencionaram as temáticas de interesse para suas pesquisas e orientações, como, por exemplo, o O5, ao escrever “estudos literários” – compreendemos que é uma temática de interesse, tanto pela formação acadêmica, quanto temática, tendo em vista que não há a linha de pesquisa ‘Estudos literários’ no PROFLetras – o que existe é a possibilidade de pesquisar nesse contexto a partir de uma das grandes linhas do referido MP. Além do O5, mencionamos os docentes O1, O3 e O6 que, também, optaram por mencionar as temáticas preferidas quanto à orientação no PROFLetras, sem mencionar especificamente em quais linhas de pesquisas estão inseridos.

No quadro a seguir, mostramos, como registrado pelos docentes a partir da questão 4/subjetiva (Atualmente, está com quantos orientandos no PROFLetras? Considera essa quantidade adequada para o processo de orientação em nível de mestrado? Se sim ou não, por quê?), registramos o quantitativo de cada orientando por docente. Vejamos:

**Quadro 1** - Quantidade de orientandos por Orientador

<b>QUANTIDADE DE ORIENTANDOS POR CADA ORIENTADOR</b>	
<b>Orientadores</b>	<b>Orientando em números</b>
01	01
02	05
03	05
04	02
05	03
06	05
07	02
08	03
09	01
010	02
011	04

**Fonte:** Elaborado pelos autores (2021)

Conforme esse quadro, a quantidade de orientando por cada Orientador é similar, não passando de 5, no entanto, como veremos na segunda categoria de análise<sup>7</sup>, tal quantitativo não é adequado por vários fatores que vão além da orientação acadêmica no MP, principalmente pensando o aporte teórico que usamos e que fundamenta nossos estudos: o diálogo e a interação.

Nesse sentido, é salutar apontarmos que os sujeitos orientadores, socialmente situados no contexto do MP e, talvez, parcialmente descritos nesta seção (falamos parcialmente porque quanto à abordagem social bakhtiniana, o sujeito é inacabado, portanto, impossível descrevê-lo assertiva e categoricamente) são compreendidos em termos de uma interação com a sociedade. Significa dizer, então, que os aspectos aqui apontados corroboram tanto para a constituição dos Orientadores, quanto para a constituição do âmbito acadêmico no qual se inserem – no caso, o PROFLeTRAS.

A formação acadêmica desses Orientadores, a quantidade de orientandos e as linhas de pesquisa às quais se vinculam, a nosso ver, são elementos fundantes para entendermos o papel social desses sujeitos no âmbito acadêmico. Não há, então, como pensarmos em um Orientador (papel social exercido pelo sujeito no contexto da pós-graduação) sem olharmos para sua constituição social, bem como a sua relação com outros sujeitos, como também o seu lugar na sociedade, ou de forma mais restrita, o seu lugar no evento social do qual é integrante, ou seja, o Ser-Evento (BAKHTIN, 1993).

Pensando, então, na concepção de sujeito para o Círculo, esse sujeito se divide em múltiplos e amplos papéis. O papel social que apresentamos é o do sujeito orientador, no âmbito de um MP de uma universidade pública brasileira (que entendemos como uma esfera da atividade humana – para usarmos termos bakhtinianos – ou ainda como esfera acadêmica). Chamamos, neste momento, a atenção para o fato de que o sujeito, na interação discursiva, não é apenas coletivo; há que se considerar o lado individual e particular (psiquismo) que compõe (ou precede) o lado coletivo (ideológico). Dito de outra forma: o sujeito orientador (papel social) apresenta uma ideologia (social) e um psiquismo (individual e autônomo) que se entrelaçam na sua composição, em que essa ideologia não existe sem o psiquismo e vice-versa, constituindo o ambiente social e histórico necessário para existir (VOLÓCHINOV, 2018; SOBRAL, 2009).

Lembramos que Bakhtin, para além de suas pesquisas sobre os aspectos linguageiros (pelas quais, inclusive, é mais conhecido, bem como seu grupo de estudiosos), também foi professor universitário, como bem falamos na Introdução deste texto. Nesse papel social exercido no Instituto Pedagógico de Mordóvia, que depois passou à Universidade de Mordóvia, onde exerceu tanto papel de docente, quanto, posteriormente, de chefe do Departamento de Literaturas Russa e Estrangeira (VASSÍLIEV, 2018), o autor russo demonstrou preocupação com questões didático-pedagógicas na formação dos alunos a partir do comportamento (talvez, orientação nos dias de hoje) dos docentes, tendo defendido, por exemplo, a necessidade por parte dos professores universitários de orientarem seus alunos na

---

<sup>7</sup> Dantas, 2021 – ainda em construção.

busca por uma bibliografia robusta para as pesquisas desenvolvidas, desenvolverem uma autonomia acadêmica nos educandos e, por fim, e não menos importante, que fossem capazes de estimular os alunos à imaginação e à reflexão.

Tais ações propostas em vários momentos no contexto da Universidade de Mordóvia aos seus colegas de departamento nos parecem pertinentes para o século XXI, no qual estamos, considerando o contexto social, dialógico e ideológico do MP de formação docente, tendo em vista a responsabilidade ética do ato de orientar, pensando em orientandos que são atuantes na educação básica e que, a partir da formação recebida no MP, fundamentarão suas aulas, suas práxis docentes, seu agir docente na sala de aula, seja para alunos do ensino fundamental, seja para alunos do nível médio – por isso pensarmos que o quantitativo de orientandos por cada Orientador, por exemplo, no número de 4 ou 5, torna-se um quantitativo expressivo e que, a nosso ver, pelo regimento do próprio MP, poderia haver uma delimitação para uma quantidade menor, havendo, certamente, a necessidade de ampliar o quadro (quantidade) de Orientadores.

Diante dessas considerações essenciais e pertinentes, observando tais aspectos fundamentais para a compreensão do social, histórico e situado dos Orientadores, pensando nessa relação processual da orientação acadêmica no contexto do MP, passamos agora para a descrição e análise do perfil dos orientandos que constituem o corpo discente do programa e que são o “outro” com quem os Orientadores mantêm relação, se constituem, se formam, se fazem, nessa relação interacional, dialógica, ética e responsável.

#### 4.2.2 Os orientandos

Em consonância com nosso primeiro objetivo proposto, reafirmamos que descrever o perfil dos sujeitos sociais envolvidos em nossa pesquisa nos ajudará a entender a relação (para nós totalmente dialógica) existente entre um Orientador e um orientado na pós-graduação de um MP. É importante esclarecermos que a apresentação do perfil dos orientandos, a nosso ver, (in)diretamente está ligada ao Orientador, tendo em vista, por exemplo, as descrições quanto à pesquisa proposta, aos objetivos que serão apresentados, dentre outros fatores que são inerentes à construção dessa relação na pós-graduação. Em outros ditos: descrever o perfil dos orientandos é pensar na relação desses com o Orientador, pois, como já bem afirmou Alves, Spindola e Bianchetti (2012, p. 144), “[...] trata-se de uma relação entre seres humanos [...]” que são socialmente construídos e situados, ou seja, são totalmente dialógicos (VOLÓCHINOV, 2018).

Para tanto, iniciamos a descrição dos sujeitos orientandos observando a seguinte caracterização: **O** – Orientador e **o** – orientando. Importante esclarecermos: o ‘o’ (minúsculo) não significa que o orientando está numa posição inferior do ponto de vista do conhecimento. Compreendemos, conforme Alves, Spindola e Bianchetti (2012), que ambos possuem conhecimentos diferentes, mas que, nessa relação, possuem o mesmo objetivo: a busca por mais conhecimento. Socialmente falando, porém, há uma hierarquia que deve ser entendida e, acima de tudo, respeitada: Orientador – orientando. Nesse sentido, o ‘o’ (minúsculo) quer

representar esse papel social dos sujeitos envolvidos e não mostrar uma inferiorização. Até porque, a partir da “arquitetônica bakhtiniana” (BAKHTIN, 1993), nas relações do “eu-para-mim”, do “outro-para-mim” e do “eu-para-o-outro” não há espaços para inferiorizações, mas existem espaços para relações nas quais os sujeitos se complementam, interagem, constituem eventos únicos e irrepetíveis e, acima de tudo, dialogam para além de uma conversa entre duas pessoas, no entanto dialogam a partir da presença de uma arena, na qual os ditos se gladiam com fins de uma construção social pautada em ideologias as mais diversas.

Os orientandos, assim como os Orientadores, são entendidos nesta nossa pesquisa e à luz das ideias do Círculo de Bakhtin como agentes cujas relações constituem a sociedade, atrelando-se ao social e ao histórico dos sujeitos (SOBRAL, 2009). O orientando, apesar de uma posição social hierárquica menor, é um ser ativo, responsável, que está em permanente formação, dotado de continuidade e consciência. É um sujeito ativo, responsável pelos discursos proferidos, pelos diálogos juntos ao Orientador, tão ético e consciente quanto àquele que o acompanha e o orienta na trajetória acadêmica, por isso a necessidade de compreender esse orientando, assim como feito com o Orientador na seção anterior, atrelando-o a essa outro, já que o seu eu, no contexto acadêmico, se (re)forma nesse processo de orientação.

Com isso, inicialmente, apresentamos a quantidade de orientandos por Orientador. O quantitativo apresentado no Quadro 2 (a seguir) diz respeito aos orientandos que efetivamente responderam aos questionários e com seus respectivos Orientadores. Chamamos atenção, então, para o fato de que há divergência entre a quantidade de orientandos mencionada pelos Orientadores e a quantidade de orientandos que responderam ao questionário proposto.

**Quadro 2** - Quantidade de orientandos (por Orientador) que responderam ao questionário

<b>ORIENTADOR</b>	<b>ORIENTANDOS (QUANTITATIVO)</b>
01	1
02	3
03	5
04	1
05	2
06	2
07	2
08	2
09	0
010	2
011	3

**Fonte:** Elaborado pelos autores (2021)

Além dos orientandos acima, que resultam num total de 23 sujeitos, tivemos mais 6 orientandos que responderam ao questionário proposto, no entanto, os Orientadores desses orientandos não nos concederam respostas, nem retornos. A voz

desses 6 orientandos será apresentada aqui, porém não estarão efetivamente contempladas nas próximas categorias<sup>8</sup>, porque a relação que temos como objeto de pesquisa parte do pressuposto da presença de, no mínimo, dois sujeitos (AMORIM, 2004; SOBRAL, 2009; MARCHEZAN, 2012) e, nesse caso, há a ausência dos Orientadores nesse diálogo<sup>9</sup>. Nesse caso, temos um total de 29 sujeitos orientandos. Chamamos a atenção para o Orientador O9 que, apesar de ter respondido ao questionário proposto, seu único orientando não realizou a mesma ação. Assim, apesar da voz desse Orientador também ser ouvida nesta pesquisa, limitar-nos-emos a apenas fazê-la ser ouvida, sem analisar a relação orientador-orientando. Nesse caso, temos um total de 11 Orientadores participantes. Por fim, quantitativamente, teremos 10 orientadores e 23 orientandos e seus respectivos diálogos e interações analisados, com vistas a atingir os objetivos propostos.

No questionário que enviamos, pedimos o nome completo do Orientador e que mencionassem a linha de pesquisa à qual estavam vinculados. Alguns orientandos responderam quanto à linha de pesquisa; outros, não. Chamamos a atenção para o fato de que para 3 dos orientandos em questão a linha de pesquisa a qual pertencem ainda não está devidamente esclarecida. Isso acontece, provavelmente, pelo ingresso recente ao referido programa de pós-graduação (ano de 2019), tendo em vista que no PROFLeTRAS existem apenas duas linhas de pesquisa, a saber: 1) Teorias da Linguagem e Ensino; 2) Leitura e Produção Textual: diversidade social e formação docente. Ou seja: dos 15 orientandos que responderam quanto à linha de pesquisa na qual estão atuando, apenas 12 souberam definir, conforme regimento do próprio programa nacional do PROFLeTRAS, a linha de pesquisa na qual atuam.

Pensamos que, na formação docente, as bases teóricas que venham fundamentar a aula ministrada por este ou aquele docente se fazem necessárias esclarecidas para o docente, conforme já apontou o professor universitário Bakhtin (VASSÍLIEV, 2018). À luz de um MP, que versa sobre a formação técnica de professores atuantes na educação básica, não responder à qual linha de pesquisa esteja vinculado é preocupante, tendo em vista que uma das ações do PROFLeTRAS é o aumento da qualidade do ensino dos alunos do nível fundamental e, acreditamos que essa qualidade passa por um conhecimento teórico e metodológico bem construído a partir do aprofundamento da linha teórica de pesquisa e estudo escolhida durante a formação acadêmica. “Linguagens e Letramentos”, por fim, é a única área de concentração do PROFLeTRAS, à qual estão vinculadas as duas linhas de pesquisas apresentadas anteriormente.

Essa situação por nós apresentada no contexto de um MP já foi apontada, mas no contexto de um mestrado acadêmico por Viana e Veiga (2010). Essas autoras, a partir dos discursos dos Orientadores, apontam alguns problemas no processo de

---

<sup>8</sup> Detalhadas na dissertação e que serão publicadas futuramente de forma completa.

<sup>9</sup> Em termos bakhtinianos, até o silêncio pode se configurar como uma forma de diálogo, tendo em vista os aspectos enunciativos que podem fundamentá-lo, pensando uma determinada situação social. Dito de outro modo: a ausência da palavra, oral ou escrita, ou seja, o silêncio pode dizer algo, pode ser carregado de sentidos que precisam do contexto para ser compreendido. Não é nossa intenção de investigação, neste artigo, tratarmos da ausência de interação através do discurso que esperamos dos sujeitos pretendidos nesta pesquisa. Certamente, essa ausência de resposta, ou seja, esse silêncio, ou talvez esse “não” a pesquisa que propomos, merece um olhar analítico e dialógico que ficará para outro momento.

orientação acadêmica, sendo um deles atrelado ao aspecto teórico-metodológico da pesquisa. No contexto do MP, parece-nos que esse problema também se mostra presente a partir do desconhecimento da linha de pesquisa à qual o orientado está vinculado, bem como o projeto de pesquisa. Para essas autoras, a falta de conhecimento teórico consistente é um fato que dificulta o processo de orientação. Esse pensamento é corroborado, também, por Alves; Espindola e Bianchetti (2012) e por Viana (2008) sempre no contexto da pós-graduação acadêmica e que, constatamos, também acontece na pós-graduação no contexto de um MP.

A ausência de familiaridade quanto à linha de pesquisa à qual se vincula e à qual pertence o projeto de pesquisa, elaborado após a aprovação no exame nacional, pode ser justificada porque não há critérios de seleção definidos junto ao edital, no sentido de o candidato apontar uma linha de pesquisa e desenvolver um projeto a ela vinculado, tendo, assim, que pesquisar e se aprofundar quanto à linha de pesquisa pretendida. Não que isso seja determinante e imutável, porque, como sabemos, há casos de mudança e remanejamento de orientandos no PPG logo após a aprovação na seleção. No entanto, queremos dizer que, pelo fato de o processo seletivo do MP ser em nível nacional, não há uma rigorosidade quanto a aspectos teóricos, metodológicos e conceituais para se ingressar no referido mestrado. Fator esse que, a nosso ver, fundamenta a ausência de conhecimento, já no contexto do MP, da linha de pesquisa à qual o orientando esteja vinculado.

No tocante aos objetivos propostos pelos orientandos/professores/pesquisadores, junto ao PROFLeTRAS, é importante esclarecermos que não é nosso intento apresentar uma análise exaustiva dos objetivos geral e específicos das pesquisas desenvolvidas no contexto do MP, que é nossa esfera social de análise. Também fuge de nossa proposta observamos os usos adequados dos verbos, se os objetivos estão bem construídos para uma pesquisa em nível de pós-graduação, afinal de contas, se assim procedêssemos, estaríamos indo contrariamente à teoria bakhtiniana, porque os sujeitos sociais, autores das pesquisas aqui apresentadas, não estariam tendo vozes para dialogar nessa arena de vozes tão necessária para a compreensão e o entendimento de situações que envolvem sujeitos socialmente situados. Nesse viés, Praça (2015) apresenta um excelente texto no qual propõe, a partir de uma pesquisa de cunho exploratório e de análise qualitativa, subsídios para estudantes/pesquisadores quanto ao entendimento concernente à estruturação e à abordagem de metodologias diversas em pesquisas desenvolvidas em solo brasileiro. E concordamos com essa autora para quem, independente do nível, as dificuldades existem quanto ao domínio de metodologias as mais diversas para o desenvolvimento do trabalho acadêmico. Com isso, essa dificuldade apontada por Praça (2015) em estudantes universitários de contexto acadêmico é vista no contexto do MP, quando um dos orientandos, quando indagado sobre o objetivo geral de sua pesquisa, não expõe um objetivo geral necessário à luz de uma abordagem metodológica já definida.

Nessa esteia, Araújo, Pimenta e Costa (2015) apontam a necessidade da construção de um projeto de pesquisa para que a pesquisa seja realizada com propriedade e organização. Esses autores, didaticamente, mostram que as dificuldades de um pesquisador iniciante podem ser minimizadas a partir da experiência de se construir um projeto de pesquisa. Com isso, concordamos com esse estudo e defendemos a ideia de que, se na seleção para ingresso ao MP houvesse

a necessidade da elaboração e defesa de um projeto de pesquisa, mesmo que de forma inicial, algumas lacunas provavelmente não estariam sendo apontadas.

Quanto aos objetivos gerais apresentados pelos orientandos em suas pesquisas, os verbos que mais aparecem são “compreender” (4 ocorrências); “analisar” (8 ocorrências); “desenvolver” (2 ocorrências); “apresentar” (2 ocorrências) e apenas com 1 ocorrência temos: “evidenciar”; “discutir”; “trabalhar” e “propor”. Luiz (2009) citando Motta-Roth e Rabuske (2010) afirma que os verbos podem ser usados em quatro situações: verbos de citação; verbos de atividade experimental ou do mundo real; verbos de atividade discursiva ou cognitiva. Sob essa égide, percebemos, quanto aos objetivos gerais, que predomina o uso de verbos de atividade experimental ou do mundo real, dialogando com a proposta do referido MP: de propor uma intervenção na aula de língua portuguesa da educação básica. O fato de esse tipo de verbo de pesquisa predominar não significa que não há verbos que fogem de qualquer atividade experimental ou do mundo real, quando, por exemplo, observamos o uso do verbo “evidenciar” como norteador para um objetivo geral de uma das pesquisas apresentadas.

Os objetivos específicos mostram, conforme apontado por Lakatos e Marconi (1999) e Araújo, Pimenta e Costa (2015), a intenção de alcançar o objetivo geral proposto. Em outros termos, significativamente, os objetivos específicos tendem a se mostrar mais práticos. Tal assertiva pode ser comprovada pela presença dos verbos “elaborar” (10 ocorrências); “construir” (4 ocorrências); “produzir” (4 ocorrências). Outros verbos são usados também, como “identificar” (10 ocorrências); “discutir” (7 ocorrências); “mapear” (4 ocorrências); “realizar” (4 ocorrências); “verificar” (3 ocorrências); “compreender” (3 ocorrências); “analisar” (3 ocorrências); “descrever” (4 ocorrências); e, em 1 ocorrência, temos os seguintes verbos: “comparar”; “repensar”, “desenvolver”; “confrontar”; “utilizar”; “levantar”; “conhecer”; “selecionar”; “delimitar”; “investigar”; “refletir” e “fazer”.

De forma predominante, os objetivos iniciados com o verbo “elaborar” e “construir”, por exemplo, são os objetivos que aparecem na última colocação depois dos demais, como forma de a pesquisa ser concluída com a propositura de alguma ação, que, em sua grande maioria, é a criação de um Caderno Pedagógico que visa auxiliar o professor quanto aos problemas existentes em sala de aula. A título de exemplo, pesquisas como a de Capanema (2013) e Leonardo (2016) mostram a importância desse caderno como uma solução aplicável no contexto educacional – muito embora essas autoras não dissertaram no contexto do mestrado profissional, mas apresentaram soluções didático-pedagógicas, além de apresentarem reflexões sobre o Caderno Pedagógico, entendido, no contexto da nossa pesquisa, como um material capaz de auxiliar o professor nas atividades pedagógicas, no contexto da sala de aula, fundamentado em uma elaboração teórica com a possibilidade de aplicabilidade.

É perceptível, como já sinalizamos, que para alcançar os objetivos da pesquisa, o sujeito orientando, além da orientação por intermédio do Orientador, por meio de uma interação discursiva, deve ter um compromisso ético com a pesquisa. Devemos compreender esse ético não como bem apresentado por Paiva (2019) quando trata da ética da pesquisa tão cara nos dias atuais, quando se pensa em pesquisa séria e de responsabilidade. No entanto, para além dessa abordagem de Paiva (2019), afirmamos que o compromisso ético é à luz de um ato responsável,

é o que chamamos de “ética bakhtiniana”, oriunda de um ato responsável e responsivo, sobre o qual o sujeito detém total responsabilidade, sendo impossível, inclusive, a presença de um álibi (BAKHTIN, 1993). Não há álibi na pesquisa, porque quanto ao que se quer investigar, a partir dos objetivos propostos, é responsabilidade do investigador, bem como é responsabilidade também do Orientador que conduzirá essa pesquisa durante os dois anos de mestrado, no nosso caso, do MP.

Por fim, apresentamos na imagem a seguir, o perfil profissional dos docentes que são alunos do referido MP.

**Gráfico 1** - orientandos que trabalham na educação básica:



**Fonte:** Elaborado pelos autores (2021)

É importante vermos que o perfil profissional dos alunos é condizente com as ações e os objetivos do PROFLeTRAS que estão associados às ações de professores do nível fundamental da educação básica, pública e brasileira, ou seja, os alunos do PROFLeTRAS devem ser professores atuantes na educação básica e pública, porque as ações e os objetivos do referido programa de pós-graduação visam à melhora do processo de ensino e aprendizagem dos alunos do nível básico de educação, bem como aos avanços quanto às práticas de ensino através de recursos tecnológicos e a minimização da evasão escolar, além de propor práticas exitosas de leitura e escritura a partir de intervenções didáticas desenvolvidas no âmbito desse MP.

Apesar desse dado ser esperado, é importante esclarecermos que estamos tratando do PROFLeTRAS, porque há mestrados profissionais que permitem que o aluno exerça trabalho remunerado no contexto da educação privada de ensino na educação básica, como, por exemplo, o Programa de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente (PPGEF), que oferece o curso de Mestrado Profissional em

Ensino e Formação Docente, em uma parceria entre a UNILAB e o IFCE<sup>10</sup>. Esse MP, em seu processo seletivo, exige um projeto de pesquisa e, a depender, o aluno aprovado pode, desde que comprovadamente, tanto trabalhar na rede privada de ensino, quanto ser concluinte do último ano da graduação, desde que também esteja trabalhando (Edital 01/2020 – pontos 4.1 e 4.1.3).

Nesse sentido lembramos que a regra do PROFLetras não se aplica necessariamente a todos os MP atrelados à formação do professor da educação básica. É necessário fazermos esse esclarecimento, porque apesar do PROFLetras ser um mestrado que, também, se atrela à formação do professor da educação básica, no caso o professor de linguagens, apresenta suas próprias diretrizes e, uma delas, conforme Gráfico 1 apresentado, é ser atuante na educação básica e pública, para fins de apresentar, junto ao programa de PG, uma pesquisa de cunho aplicado.

## 5 CONSIDERAÇÕES (IN)CONCLUSIVAS

Neste artigo, de caráter teórico e analítico, objetivamos mostrar, sob orientação do segundo autor, uma pesquisa que se encontra em andamento, junto ao programa de pós-graduação em Linguagem e Ensino da UFCG, que tem como uma das linhas de pesquisa “Ensino de Línguas e Formação Docente”. Defendemos a ideia de uma urgente necessidade em se pensar o processo de formação de professores, a partir dos contextos acadêmicos nos quais tais sujeitos se inserem para, se possível, compreendermos sua formação – e um dos contributos para essa formação é a relação entre orientando e Orientador. E, como estamos pensando em sujeitos professores, essa relação é, por nós analisada, no contexto de um MP.

Acreditamos que a análise apresentada sobre os sujeitos sociais de nossa pesquisa pode, inicialmente, mostrar o quão é importante, nos estudos sobre o processo de orientação entre orientando e Orientador, perceber os aspectos exteriores e sociais que permeiam esse processo de orientação. O processo de orientação por si só, no nosso entender, não é suficiente para, de forma aprofundada, construirmos um olhar científico sobre os sucessos e insucessos da orientação acadêmica.

Além disso, nossa investigação acontece no contexto de um MP de formação docente, porque compreendemos que essa orientação, pensando nos orientandos, deve ser analisada para o sucesso da pesquisa aplicada que está sendo proposta – e a Análise Dialógica do Discurso ajuda satisfatoriamente nessa reflexão tão pertinente para os dias atuais.

Como esclarecemos no decorrer deste trabalho, expomos aqui as primeiras análises/impressões (um recorte) que compõem nossa primeira categoria analítica, ou seja, os resultados mostrados são parciais, tendo em vista o espaço que um artigo ocupa que é menor do que o de uma dissertação. Reafirmamos que este artigo é um recorte de uma pesquisa maior e os dados seguem sendo analisados e em discussões e, em produções futuras, serão publicados e externados à comunidade acadêmica e científica brasileira.

---

<sup>10</sup> Para maiores informações sobre o último processo seletivo, bem como acesso ao edital desse processo, acessar o sítio do programa por meio do link: <http://ppgef.unilab.edu.br/>.

Por fim, evocamos as palavras da epígrafe que utilizamos para começar nosso artigo, palavras essas que, certamente, se concretizarão a partir do momento em que o Orientador fizer de sua sala de aula um momento vivo de suas reflexões. A orientação acadêmica, assim como a sala de aula, deve ser viva, eficaz, reflexiva, capaz de trazer resultados para os envolvidos – Orientador e orientando – a partir dos enunciados vivos e únicos trocados nessa relação, que para nós é essencialmente dialógica. O professor Bakhtin, tratando do ensino na graduação no século XX, nos faz pensar no ensino na pós-graduação no século XXI - e para o êxito necessário nas investigações sobre orientação na pós-graduação brasileira, primeiro, devemos investigar e analisar os sujeitos envolvidos no processo e entender os fatores sociais que circundam e interferem direta ou indiretamente no fazer docente do Orientador, bem como do orientando.

---

### Referências

---

ALVES, Vânia Maria. **Formação e trabalho de pesquisadores em educação: um estudo dos processos de institucionalização da pesquisa em IES 'emergentes'**. 2008. 308 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2008. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91159>. Acesso em janeiro de 2021.

ALVES, Vânia Maria; ESPINDOLA, Isabel Cristina Pitz; BIANCHETTI, Lucídio. A relação orientador-orientando na Pós-graduação *stricto sensu* no Brasil: a autonomia dos discentes em discussão. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 43, n. 29, p. 135 – 156, maio-ago. 2012. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4071>. Acesso em 21 fev. 2021.

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2004.

ARAÚJO, Júlio; PIMENTA, Alcilene Aguiar; COSTA, Sayonara. A proposta de um quadro norteador de pesquisa como exercício de construção do objeto de estudo. **Revista Interações**, Campo Grande, v. 16, n. 1, p. 175 – 188, jan./jun. 2015. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/inter/v16n1/1518-7012-inter-16-01-0175.pdf>. Acesso em 10 mar. 2021.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato**. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza da edição americana *Toward a philosophy of the act*. Austin: University of Texas Press, 1993. (tradução destinada exclusivamente para uso didático e acadêmico)

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro 7 João Editores, 2010, 155 p.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 5ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa por Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016, p. 71 – 107.

BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra e Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora34, 2017, 101 p.

BIANCHETTI, Lucídio. Os dilemas do coordenador de Programa de Pós-Graduação: entre o burocrático-administrativo e o acadêmico-pedagógico. **Forpred**, UnB, março de 2006. Mimeo.

BIANCHETTI, Lucídio. **Pesquisadores sobre pressão**. Pós-graduação, produção e veiculação do conhecimento e emergência de uma nova temporalidade. Florianópolis, julho de 2007. Mimeo.

BIANCHETTI, Lucídio. Pós-graduação em educação: processo e resultados de uma “indução voluntária”. **Universidade e Sociedade**, Brasília, ANDES, n. 41, p. 143 – 164, 2008.

CAPANEMA, Juliana Alves Pereira. **Labhorta**: contribuições de um caderno pedagógico para o ensino de biologia e química. 2016. Dissertação (Instituto de Física - Mestrado em Ensino de Ciências Naturais). Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais da Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2016.

CEREJA, William. Significação e tema. In: BRAIT, Beth (Org.) **Bakhtin**: conceitos-chave. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 201 – 220.

CURY, Carlos Alberto Jamil. Graduação/Pós-Graduação: a busca de uma relação virtuosa. **Educação e Sociedade**, Campinas/SP, v. 25, n. 88, p. 777 – 793, Out. 2004.

DUARTE, Newton. A pesquisa e a formação de intelectuais críticos na pós-graduação em educação. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 24, n. 1, p.89 -110, jan.-jun. 2006.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e Diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, 168p.

GARCIA, Regina Leite; ALVES, Nilda. A necessidade da orientação coletiva nos estudos sobre cotidiano - duas experiências. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M.

N. (Orgs.). **A bússola do escrever**. Desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações. São Paulo e Florianópolis, Cortez e Editora da UFSC, 2002.

HOSTINS, Regina Célia Linhares. Os planos nacionais de Pós-Graduação (PBP) e suas repercussões na Pós-Graduação brasileira. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 133 – 160, já.-jun. 2006. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10315> . Acesso em 22 fev. 2021

LEONARDO, Pamela Paola. **Construção do conceito de número**: um caderno didático-pedagógico para professores. 2017. Dissertação. (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências, Matemática e Tecnologias). Centro de Ciências Tecnológicas da Universidade do Estado de Santa Catarina, Joinville, 2017.

LUIZ, Ercília Maria de Moura Garcia. **Escrita Acadêmica**: princípios básicos. 1ª ed. Santa Maria/RS: UFSM/NTE, 2018.

MARCHEZAN, Renata Coelho. Diálogo. BRAIT, Beth. (Org.) **Bakhtin**: outros conceitos-chave. 2ª ed., São Paulo: Contexto, 2012, p.115 – 131.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

NOBREGA, Maria Helena da. Orientandos e Orientadores no século XXI: desafios da pós-graduação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 1055 – 1076, jul./set. 2018.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2019, 157 p. (Coleção Educação Linguística nº 14)

PRAÇA, Fabíola Silva Garcia. Metodologia da Pesquisa Científica: organização estrutural e os desafios para redigir o trabalho de conclusão. **Revista Diálogos Acadêmicos**, Fortaleza-CE, v. 8, n. 1, p. 72 – 87, jan./jul. 2015. Disponível em <http://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20170627112856.pdf> . Acesso em 10 mar. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 16. ed. Porto: B. Sousa Santos e Edições Afrontamento, 2010. 59 p.

SANTOS, Eliete Correia. Desafios da orientação na pós-graduação brasileira: relato da experiência na POSLE/UFSCG. ARAÚJO, Denise Lino; COSTA, Marco Antônio Margarido; SILVA, Williana Miranda da. (Orgs.) **Caminhos do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino**: identidade, estudos e formação de professores (livro eletrônico). Campina Grande: EDUFSCG, 2019, p. 209 – 236.

SAVIANI, Dermeval. **Do senso comum à consciência filosófica**. 13ª ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

SAVIANI, Dermeval. A Pós-Graduação em educação no Brasil: pensando o problema da orientação. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. (Orgs.). **A bússola do escrever**. Desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações. São Paulo e Florianópolis: Cortez e Editora da UFSC, 2002.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado das Letras, 2009. (Série Ideias sobre Linguagem).

VIANA, Cleide Maria Quevedo Quixadá; VEIGA, Ilma Passos Alencastro. O diálogo acadêmico entre orientadores e orientandos. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 222-226, set./dez. 2010.

VASSILIEV, Nikolai Leonidovitch. M. M. Bakhtin como professor universitário. **Bakhtiniana**: Revista de estudos do discurso, [S.l.], v. 13, n. 2, p. Port. 203-211, maio 2018. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/bakhtiniana/article/view/36771> . Acesso em julho de 2021.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad.: Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

WARDE, Mirian J. Sobre orientar pesquisa em tempos de pesquisa administrada. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. **A bússola do escrever**: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações. 2 ed. São Paulo e Florianópolis: Cortez e Editora da UFSC, 2006.

---

#### Para citar este artigo

---

DANTAS, W.; SANTOS, E. C. dos. A relação orientador-orientando e os sujeitos dialógicos da pesquisa em um mestrado profissional de uma universidade pública brasileira. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 7, 2021, p. 240-263.

---

#### Os autores

---

WALLACE DANTAS é mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino/PPGLE da Universidade Federal de Campina Grande/UFPG.

ELIETE CORREIA DOS SANTOS é professora permanente da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE) da Universidade Federal de Campina Grande (UFPG). Doutora em Linguística pela UFPB. Estágio pós-doutoral em Educação Contemporânea pela UFPE.